



ENÉIAS TAVARES

APRESENTAÇÃO POR
ANA CRISTINA RODRIGUES

CONTOS MAL VISTOS
& RETRATOS MAL DITOS

PARTE I - A CAMARILHA DA DOR

BRASILIANA STEAMPUNK

CONTOS MAL VISTOS
& RETRATOS MAL DITOS

Noveleta em Duas Partes

Parte I

A Camarilha da Dor,
uma pintura de Basílio de Andrade Neto

Escrito por
Enéias Tavares

Capa & Arte por
Diego Cunha

Apresentação por
Ana Cristina Rodrigues

Todos os direitos reservados

SUMÁRIO

Apresentação, por Ana Cristina Rodrigues | 05

CONTOS MAL VISTOS & RETRATOS MAL DITOS

Parte I - A Camarilha da Dor | 08

Sobre processos criativos
& desvios positivos, por Enéias Tavares | 36

Biografia dos Autores | 40

APRESENTAÇÃO

Todo escritor começa sendo a soma dos livros que já leu. O bom escritor torna-se muito mais do que isso. Pode parecer fácil subir nos ombros dos gigantes que nos antecederam – e até é. Difícil é descer dali depois e tentar refazer esse caminho, usando-os como referência e não como muleta. Quanto mais abertas forem as citações, mais e mais complicado fica esse jogo.

Imaginem o quão difícil é um autor conseguir fazer um trabalho original e de boa qualidade partindo completamente de obras já existentes, de autores que foram a base do cânone literário brasileiro. Eis a grande proeza do Enéias Tavares, no seu livro de estreia e nos contos e histórias que vêm desenvolvendo no mesmo universo.

Seu romance, *A lição de anatomia do temível doutor Louison*, foi uma surpresa das mais agradáveis. Um livro corajoso no seu estilo plural, reproduzindo diversas formas de se passar uma imagem. E também no conteúdo, uma investigação policial que parece simples à primeira vista, mas se torna um panorama das ambiguidades humanas.

Ele passeia com desenvoltura por um cenário inspirado na nossa Porto Alegre histórica, usando personagens de livros muito antigos. Alguns deles ainda somos obrigados a ler na escola e, é necessário confessar, nem sempre gostamos. Ok, sejamos sinceros: na maioria das vezes, temos pavor desses grandes clássicos. Outros estão quase completamente esquecidos. Quem ainda lembra de *Dr. Benignus* por aí? Quer dizer, além do Enéias e de mim.

O melhor é ver que a surpresa não foi exceção. Os contos que vêm surgindo sobre o universo ficcional da *Brasiliana Steampunk* são tão bons quanto e ajudam a construir melhor esse mun-

do que é misterioso e fascinante. Frutos da cultura e erudição que transbordam em suas páginas – que aliás também estão presentes na pessoa do próprio autor.

Tudo isso, porém, pode ser apenas uma vã suposição minha.

Pois sempre temos que lembrar da teoria de que o Enéias Tavares não é um ótimo escritor com uma capacidade ímpar de absorver e transformar referências em algo muito próprio e intrigante. Nada disso.

Na verdade, ele seria um legítimo cavalheiro daquele pedaço de tempo entre os séculos XIX e XX, viajando no tempo para trazer essas aventuras que até então desconhecíamos por serem extraordinárias demais.

Faria absolutamente todo o sentido.

Ana Cristina Rodrigues

Para

Diego Cunha,

Por aceitar meu insano convite
De perverter guildas de comerciantes
Em camarilhas infernais
&
Médicos anatomistas
Em secretas sociedades heróicas.

Rembrandt agradece a homenagem.

Ou não.

PRÓLOGO

Porto Alegre dos Amantes, 20 de setembro de 1911.

Singrando a neblina que subia das águas turvas do Guayba e ignorando os risos femininos inquietantes que escutava do interior da charneca, ancorou a barcaça e caminhei com dificuldade pelo ancoradouro de madeira envelhecida.

Carregava as telas que deram origem ao drama que articulo nas páginas à frente. Uma delas retratava uma convenção de pérfidas vítimas. A outra, um colegiado de aventureiros liderado por um assassino de renome e requinte.

Dirijo-me à mansão que visitei há décadas, quando ainda era jovem e tinha o coração cheio de paixões. Naquela época, vim a este lugar para pintar um retrato de uma jovem belíssima, descendente dos Magalhães, os donos originais da ilha.

Apaixonei-me por minha modelo, como muitos naqueles anos. Ela chamava-se Georgina. Esta musa, quando jovem, tinha a tonalidade dos dias primaveris abafados, um pouco antes das tempestades despencarem.

Há quase trinta anos, pintei seu retrato usando uma paleta de cores que fazia contrastar sua pele amorenada com o verde que cercava o casarão de sua família. Hoje, eu pintaria a dama com a beleza da maturidade.

O que teria acontecido com aquele retrato?

Lembro-me do sorriso naquele rosto fabricado para a alegria, rosto que seria manchado pelos sombrios pigmentos das lágrimas. A tela deve ter se perdido, como a vida de Georgina e de toda a sua família, bem como aquele casarão amaldiçoado, construído no meio da lama.

Eu detestei tomar a embarcação em direção à mansão. Hoje, ela teve ter sido devorada pelo pântano, como toda a genealogia dos Magalhães.

Para a minha surpresa, o casarão ainda existe. E agora se chama, segundo o homem que encomendou essas pinturas odientas, a Mansão dos Encantos.

É nela que devo entregar as duas telas a um homem chamado Benignus.

Mas antes de relatar o que aconteceu quando acionei o batedor metálico em forma de cabeça leonina, é preciso narrar como cheguei até aqui.

Para tanto, recorrerei aos noitários de outrora, sendo minha memória falha e meu coração frágil.

Antes de começar, porém, um último detalhe a meu respeito. Sou um pintor de retratos, não de paisagens ou naturezas mortas.

E meu nome é Basílio de Andrade Neto.



Noitário do pintor Basílio de Andrade Neto
Porto Alegre dos Amantes, 10 de Maio de 1909.

Qual é a cor do ódio? Como pintamos o desejo? De que modo dispomos na tela o abismo da tristeza? Ou a fulgurante intensidade do deleite? Teria a paixão a coloração do vermelho sangue? Ou a palidez do cinza claro? Ou ainda o macilento marrom acre da terra e do disforme em seu ventre?

Ora... isso não passa das divagações de um pintor, pois não é através das palavras que me expresso. O pincel é o meu púlpito. As tintas, minhas frases. E as telas, os poemas que deixarei ao mundo. Quanto ao resto, banalidades.

Aqui, porém, recorro às palavras, pois só elas podem dar conta desta narrativa. Diante de mim, na tela retangular, seis assombrados esboços se reúnem ao redor de uma mesa de trabalho. Ainda não têm rosto ou personalidade, sendo apenas conjuntos de linhas verticais e horizontais, esqueletos de traços que serão revestidos de nervos, músculos, pele e trajes modernos.

Cada um deles representa uma classe social distinta. São cinco homens acompanhados de uma mulher, formando uma vil camarilha. Ao redor de uma mesa de reuniões, eles planejam massacres e crimes, quais sombras terríveis discutindo desígnios demoníacos. Foi essa a cena que me foi encomendada.

Pensei tratar-se de uma pintura alegórica, sem dúvida, solicitada por um homem que um dia admirei e amei. Ela representaria os monstros que este cavalheiro encerra em sua terrível imaginação.

Todavia, estava enganado, pois o homem que outrora conheci revelou-se o próprio demônio. Eis aqui a narrativa do pacto infernal que assinei com ele, num encontro ocorrido quase duas

décadas atrás, recuperada dos escritos de quando era jovem, quando era um pintor em formação e chegara havia pouco à capital.

Eu o conhecera num sarau literário no qual um jovem e popular escritor chamado Dante D'Augustine lia um de seus contos de horror e mistério. Tratava-se de um escândalo aos olhos de toda a população gaúcha, uma vez que era negro e seu público composto, em sua maioria, de homens e mulheres brancos e ricos.

Mas na arte, diziam, se perdoa tudo, até mesmo a raça. Como descobriríamos mais tarde, este não seria o único “pecadilho” associado àquela persona ficcional que criava e, ao mesmo tempo, vivia mentiras.

Achei-o bonito e atraente, com traços delicados que lhe marcavam a tez escura. O cabelo curto e crespo, cuidadosamente alinhado, em consonância com a barbicha rala, emoldurando os lábios voluptuosos, num cavanhaque que parecia ser a última moda entre os janotas dândinos.

Assim como outros artistas de Porto Alegre dos Amantes, eu fora convidado para o lançamento de seu primeiro livro de contos, uma coletânea que impressionava por sua qualidade narrativa. Seus textos já faziam sucesso no jornal e eram agora reunidos num fino volume cujo título era “Crimes Crassos”.

O sarau ocorria num requintado salão conhecido como Café dos Americanos, chalé construído no centro nobre da cidade, muito próximo à praça da Matriz. Seu espaço era utilizado pela elite para eventos literários e gastronômicos. Numa das paredes envidraçadas, de onde se podia vigiar os passantes, um pequeno palco alocava os convidados. Naquela noite, D'Augustine fazia as honras, falando sobre literatura e arte. Arrematou o encontro a leitura de um de seus contos.

Intitulado “O Retrato do Senhor M”, envolvia um retrato amaldiçoado que transmutava o protagonista pouco a pouco numa mulher. Era uma história de horror, dessas que terminava com o homem transvestido em insana figura feminina tirando sua vida. Fingido como bela mulher em vestes masculinas, o herói morria diante da pérfida pintura, espelho não de sua aparência externa, supus, e sim de sua configuração interior. “O reconheceram apenas pelos anéis e pelas roupas que usava”, era uma das frases que arrematava

a narrativa.

Apreciei a leitura do conto, enquanto esboçava o autor num caderno de desenho, do qual nunca me separava.

“O senhor pinta retratos?”, perguntou-me uma voz aveludada, elegante no diapasão conciso que não apenas me distraiu da atividade como também me alarmou. Não havia notado que ao meu lado sentara um cavalheiro ilustríssimo, vestindo um elegante terno vinho sobre camisa e gravata negras, numa vestimenta que seria demasiada soturna senão adequada ao seu nobre porte. Nada se via de sua pele, exceto a face pálida em contraste com os escuros cabelos e olhos. Finas luvas de couro escondiam os dedos alongados, em consonância tonal com os sombrios panos que revestiam seu corpo.

Era um Hamlet de luto, apesar de ser um pouco mais velho do que caberia ao trágico príncipe dinamarquês.

“Sim, esta é a minha arte,” lhe respondi. A leitura findara havia alguns minutos e agora D’Augustine, depois de aplaudido, atendia aos presentes que lhe pediam autógrafos ou opiniões sobre estética, ética ou moda.

“Eu aprecio as artes da imagem tanto quanto valorizo as artes do texto,” entabulou o estranho ao meu lado. “Em meu tempo livre, escrevo poemas e esboço figuras fisiológicas. Chamo-me Antoine Louison. Muito prazer.”

Depois de me apresentar, seguimos conversa sobre livros e pinturas, poetas e artistas, e sobre o que diferenciava uma arte da outra. Senti pelo estranho homem um interesse instantâneo, uma vez que parecíamos adiantar as ideias um do outro.

“Ora, por certo conheces o famoso estudo de Emília Gallotti sobre o Laocoonte latino,” disse-me Louison. “Nela, a autora defende que poesia é narrativa e acontece no tempo, um episódio depois do outro, sucessivamente, como as batidas de um coração humano, ao passo que...”

“Pintura acontece no espaço,” complementei, “num átimo temporal que deve expressar numa única imagem todo o drama de uma experiência, todo o conflito de uma existência, todo o ímpeto que ilumina a face de um amante”.

Rimos juntos da sintonia que dividimos e deixamos o evento literário, ambos um tanto decepcionados por não termos conversa-

do com o laureado contista, cercado que estava de seu público.

Ao sairmos pra rua, Louison convidou-me a uma taverna próxima, um dos antigos estabelecimentos que acharam por bem substituir os atendentes humanos por robóticos tão logo a nova tecnologia foi disponibilizada aos comerciantes. O lugar era sombrio e convidativo, frequentado por jovens estudantes boêmios que desejam privacidade. Lá continuamos nossa conversação, agora adentrando numa grande polêmica estética: poesia ou pintura, as artes icônicas ou as artes verbais?

“A literatura não apresenta as limitações da pintura”, defendeu, “e nisso, penso, ambos concordamos com Galotti, uma vez que a arte do texto não está limitada unicamente ao belo, sendo à pintura inadmissível o feio ou o disforme.”

“Não necessariamente,” lhe devolvi, “pois julgo que estamos adentrando um novo século no qual a feiura não apenas se fará presente na arte como será necessária a ela. E neste caso, sou obrigado a pensar que a arte visual, ainda mais do que literária, comunica de forma mais impactante a dor, o sofrimento e a decepção do espírito através da forma da carne. Ora,” continuei, chamando um dos atendentes de lata, “as duas artes demandam investimento intelectual e planejamento, mas o que o pintor compõe comunica diretamente aos sentidos. Uma pintura transcende nacionalidades, referências míticas, conhecimento de mundo ou de cultura. Se executada com veracidade, uma pintura pode revelar a essência por trás da máscara facial, sem recorrer aos conceitos alegóricos dos sentimentos, dos quais a poesia ou a narrativa obrigatoriamente fazem uso.”

Louison, depois de fazermos nosso pedido, me fitou satisfeito, como se buscasse no seu repertório mental uma resposta adequada à nossa confabulação. Ele não tirara as luvas, o que era quase ríspido, mas não menos atraente. Era um belo homem e eu adoraria retratá-lo. Como se roubasse a impressão da minha mente ou dos meus olhos turvos e fascinados, ele sorriu, antes de continuar.

“Sim, eu concordo contigo... e teu argumento é difícil de rebater, como um xeque sobre um rei encurralado. Por outro lado, sou obrigado a despender um pouco mais de energia e bloquear seu movimento com um bispo na diagonal. Não produziria a pintura igualmente uma narrativa na mente do observador?”

Fomos interrompidos por um dos autômatos que me serviu vinho e a Louison conhaque, sendo que havíamos pedido o contrário. Fizemos chacota do distraído robótico enquanto trocávamos nossas bebidas.

“Ora,” continuou ele, “todos nós criamos, indiferente da idade, da posição social, da etnia ou da nacionalidade, uma determinada narrativa mental para tudo o que observamos e esta é sempre discursiva. Neste caso, pergunto-me e pergunto-te, não estaríamos como espectadores acorrentados sempre a uma narrativa?”

“Por outro lado,” o interrompi, animado pelo conteúdo do cálice, “todo e qualquer poema que lemos ou história que ouvimos acabam por ser transformados em imagens mentais, em episódios que irão ganhar relevo, cor, textura e paisagens em nossa mente”.

Rimos do rápido efeito das nossas bebidas. Por fim, disse:

“Neste caso, a conclusão do debate seria que todo o poema se transforma em pintura mental e que toda a imagem se torna um poema imaginado?”

Assenti e assim findamos a noite, iniciando uma amizade que seria continuada em conversas infindas, visitas a galerias de arte e discussões em tavernas e bares. Em alguns lugares, já éramos reconhecidos como os dois amigos cujo amor “não se poderia dizer o nome”.

Estavam enganados. Louison, apesar de ser o homem mais delicado e refinado com quem travei conhecimento naquele tempo, tinha gostos noturnos bem definidos, exceto por uma noite, na qual observei Louison e Dante D’Augustine beijando-se à vista de todos em meio ao movimento noturno da cidade.

Tal cena magoou-me, uma vez que, se por um lado amava todos e todas como os modelos de beleza e perfeição que eu tentava recriar em meus quadros, sentia por Louison um interesse de outra ordem, interesse que nunca foi correspondido, nem mesmo depois de uma noite em que tentei dele me aproximar.

Foi depois desses dois episódios que meus laços com ele começaram a esfriar, até serem totalmente cortados quando deixei Porto dos Amantes para viver em Paris, destino de todos os pintores daqueles dias.

Na Cidade das Sombras, adentrei um mundo novo e fasci-

nante, repleto de novidades sonoras, culinárias, pictóricas, sensuais em absolutamente tudo. E tal mergulho naquele cosmos de prazer e regozijo não apenas distanciou-me de Louison como também de outros amigos que fizera na capital.

Quanto voltei ao Brasil, mais de uma década mais tarde, fiquei sabendo que Louison afastara-se da alta sociedade que sempre deplorou pertencer e frequentar, e que assumira um romance com uma escritora chamada Beatriz de Almeida & Souza. Tratava-se do próprio Dante D'Augustine, que posteriormente revelara não ser um homem e sim uma mulher que havia feito as vezes de homem para poder vender livros. Agora, os mistérios do passado ficaram claros e minha mágoa para com Louison, pareceu-me absurda.

Eu ria de tudo aquilo, mantendo-me, todavia a distância daquele casal, pois minha vida havia se tornado apenas a minha arte, não havendo em mim interesse ou sequer vontade de travar contato com outros seres humanos, não além do necessário que as encomendas e entregas exigiam.

Depois de anos de afastamento e silêncio, foi em meados de 1909 que eu recebi uma estranha carta de Louison, a carta que selaria minha sina como o pintor particular de um homem que possuía mais segredos do que eu poderia conceber.

[Anexo à narrativa a seguinte missiva, escrita em papel linho com letra rebuscada em azul turquesa]

Porto Alegre dos Amantes, 25 de abril de 1909.

Caro Basílio

Como estás, meu amigo? Há anos que não conversamos, e penso que tua vida fulgurante e intensa na capital cultural do mundo tenha te impedido de responder às minhas cartas. O mesmo ritmo insano daqueles dias mecânicos e eléctricos impediu-me de fazer o mesmo, uma vez que outras atividades, profissionais e pessoais, mantiveram-me ocupado.

Quando voltaste ao Brasil, cogitei reatar nossa amizade. Porém, tudo aquilo que nos aproximava, mesmo nossas diferenças, dera lugar a um carácter que poderia ser a ti incompreensível. Ademais, minha proximidade de um grupo singular de aventureiros adensou minha predileção por mistérios & segredos.

Por outro lado, registro nessas linhas meu carinho e minha admiração por teu sucesso, não escondendo o quanto tua pessoa e tua arte fazem-me falta nesses dias sombrios e tumultuosos, dias nos quais temo por minha própria sanidade.

Esta missiva tem por meta encomendar de você um retrato coletivo de seis figuras humanas. Sei que há tempos não nos vemos e sei bem que não tens obrigação alguma para comigo, mas suplico-te que aceites meu pedido.

Neste caso, trata-se de uma tela que poderia, numa única imagem, exemplificar os fantasmas hediondos que aprisionei em meu cérebro. Talvez um dia, após nos reencontrarmos, possa eu narrar ao teu ouvido a origem das angústias diversas que produziram tais figuras em minha mente. O que segue é a descrição de um

sonho que tive com eles e o que deves pintar.

Vi, no interior de meu reino onírico, numa das alas mais recônditas do meu castelo mental, seis figuras ao redor de uma mesa. A pesada estrutura de madeira estava recoberta por um manto de padronagem oriental de coloração avermelhada, sanguínea.

Sobre a mesa, um velho tomo empoeirado que sem dúvida era o Livro do Crucificado, perversão textual e literária que fez adentrar no mundo a abjeta noção do bem e do mal. Todos nós comemos da Árvore do Conhecimento e fomos condenados ao deixar o Éden da amoralidade.

Quanto à sextilha, cada um de seus integrantes exemplificará uma máscara de maldade que perpassa nossa atual sociedade. Da esquerda para a direita, passo a descrevê-las, do modo como as visualizei e do modo como devem ser dispostas em tua tela.

Há primeiro um Comerciante. Trata-se de um homem alto e forte, o mais moreno de todos. Em seu rosto endurecido, uma barba mal cuidada e falha. Seu terno é branco e de linho, como um homem de requinte usaria. Mas ele não é requintado, apenas pensa que é, apenas paga pelo requinte, como paga por todo o resto. Em seu rosto, desprezo e maledicência. Ele se acha superior a todos, apesar de ser o mais execrável integrante deste grêmio demoníaco.

A segunda figura é feminina, a única deste gênero que deves retratar nesta tela. Como representação de sua classe, esta Dama veste seda negra e tudo nela, dos olhos ao cabelo, do olhar ao espírito, exceto a pele, é escuro como a noite. Eu a mentalizo usando um vestido noturno decotado, que recobre e revela um busto voluptuoso. Em sua mão esquerda, um exótico leque de renda cuja estrutura metálica lembra lanças afiadas e pontudas. Podes, meu caro, dar destaque a este hediondo objeto, fetiche exclusivo desta vil meretriz. Sua idade, entre trinta e cinco e quarenta anos. Ela tem lábios vermelhos, insinuantes, e maquiagem exagerada, o que agrada à grande maioria dos homens.

Não a mim.

Ao lado dela, um Acadêmico. Ele possui a aparência mais “comum” e “confiável”. Sua tez é clara e seus cabelos são loiros, uma aparência que há tempos as elites desta nação e de outras tentam nos convencer como típicas de seres superiores ou inofensivos.

Ele tem barba aparada e usa óculos. Sua pose é a de um homem gesticulando diante de colegas cientistas, com a arrogância típica dos positivistas que tem total certeza de possuírem a verdade. Sua roupa, um terno escuro, sobre colete. Abaixo da face, uma gravata ajustada ao colarinho.

A quarta figura, talvez em pé, atrás do Acadêmico, é um Militar. Vejo um homem moreno e forte, que usa uniforme de general e demanda absoluta obediência. No peito, pesadas condecorações de guerra e destruição. Tem cabelos curtos e bigode, não barba. Pode usar quepe ou não. A escolha é tua, Basílio, uma vez que poderás achar que tal peça não seja fundamental ao caráter do homem ou ao todo da tela. Este varão é alto e está no centro da cena.

A penúltima figura é um Clérigo e ele está sentado.

É magro e cadavérico. Cabelo ralo, penteado para trás, sem barba. Sua pele é cinzenta e pustulenta. Sua aparência, assustadora. Obviamente, é ele que folheia o manuscrito sobre a mesa. Em seu peito, pende um pesado pingente que tem o Crucificado esculpido em metal. A cruz é de ouro. O Cristo é de prata. As pequeninas manchas rubras nas chagas foram feitas com sangue de verdade.

Por fim, o Político.

Ele é obeso em tudo. Olhos saltados, lábios inchados, ombros circulares. Como estará à direita da tela, podes “preencher” toda esta porção da imagem. Suas roupas são ajustadas ao corpo e estão apertadas, uma vez que ele engordou depois de sua última visita ao alfaiate. Na mão obesa, ao invés de luvas, segura uma coxa de frango ou um garfo. Se vivesse na Roma Antiga, frequentaria os vomitórios públicos. Do que conheço ou imagino de sua casa, há dois desses cômodos. Um no quarto e outro no salão de jantar, para seu conforto. Ele é lento e preguiçoso. É careca e não tem pelos, nem mesmo sobrancelhas. Sua roupa é marrom, com uma mancha de comida nos lábios e na aba direita do vestuário.

Por fim, Basílio, um último detalhe que dará ao todo da tela sua dramaticidade. Todos eles estão olhando para o espectador. É como se nós, enquanto observadores, os interrompêssemos enquanto estão planejando mais um de seus planos de tortura & assassinato. Porém, quem está diante deles não é tu, nem o espectador comum.

Sou eu.

Mas não te assustes, meu caro amigo, sabes bem como minha imaginação é prodigiosa. Além de desenhista amador, tenho igualmente em minha cabeça mil historietas ficcionais. A convivência com Beatriz, nosso Dante D'Augustine nos velhos tempos, tem apenas reforçado esse traço de minha personalidade.

E como bom narrador inventivo, gostaria também, se não for pedir muito, de sugerir o título do quadro: “A Camarilha da Dor”. Sei que não entenderás este último pedido. Mas peço que o compreendas. Como vivi o pesadelo noturno na presença desses monstros, eu os entendo e entendo mais do que gostaria.

Em anexo, uma carta de crédito que deverá ser preenchida de acordo com o que achares apropriado ao custo da obra. Tão logo tenha um esboço ou uma versão dela que eu possa ver, por favor, me envie ou me convide ao teu ateliê.

Adoraria usar essa visita como desculpa para matar minhas saudades.

Finalizo pedindo-te que aceites esta encomenda. Sua concretização é vital à determinação que preciso para continuar a tarefa terrível que estabeleci para mim, em favor de uma pessoa que me é querida.

Conto com tua compreensão e, acima de tudo, com tua amizade.

Sempre teu
Antoine Louison



Noitário de Trabalho do Pintor Basílio de Andrade Neto
Porto Alegre dos Amantes, 8 de Fevereiro de 1910.

Na escuridão do estúdio caótico, dentro de um círculo de velas antigas e luminárias eléctricas, alocada sobre o cavalete, a cena ganha formas e cores, detalhes de cenário e vestimenta, em segundo e primeiro plano. E o mais importante, os seres retratados recebem músculos e carne, glóbulos oculares que me miram enquanto os pinto, condenados como estão.

Agora, meses depois, eu os vejo com clareza: eles foram surpreendidos no exato instante em que seus planos malignos estão em vias de se concretizar.

Quem ousa surpreendê-los? Quem tem a coragem de adentrar sua alcova demoníaca? Quem poderia invadir seus domínios sombrios?

Eu, como pintor e como retratista.

Ele, como executor e como assassino.

Ao lado direito do suporte de madeira que comporta a pintura inconclusa, entre outras obras pedidas, iniciadas, alteradas, abandonadas ou desprezadas, mesmo que uma vez adoradas, há uma mesa na qual estão depositados detritos de refeições, vazias garrafas de vinho, entre papéis e jornais espalhados, rabiscos de obras, esboços de uma vida.

Diante de mim, não uma guilda de comerciantes, mas uma camarilha odienta composta de seis personagens que eram, até pouco tempo, desconhecidos. Como invenções da mente fértil de um cliente e de um antigo amigo, eles figuravam como meros pesadelos. Suas vestes e seus uniformes refletem tanto posição social quanto o abuso dessas posições, deste poder neles instaurado.

Agora, eu conheço suas faces e suas identidades. Neste momento, o que era vil ficção transmuta-se em abjeta realidade.

Desvio o olhar da tela para as manchetes.

Há meses, o desaparecimento de nobres porto-alegrenses tem sido a festa dos pasquins e dos diários de primeira, segunda e terceira classe.

A mim, a notícia interessava pouco, como pouco me importa qualquer evento do mundo exterior. Todavia, o que parecia ser coincidência fugaz, foi pouco a pouco se tornando horrenda constatação.

Um acadêmico loiro e severo chamado Henrique Pontes foi o primeiro a desaparecer. Depois, um militar, uma figura pública cuja posição de caserna produzia igualmente respeito e temor. Flores Bastos nunca mais fora visto, depois de deixar sua casa em direção ao prostíbulo que frequentava.

Ontem, ao abrir o papel jornal, lá estava ela, olhando-me através de um antigo photograma: uma elegante dama chamada Madame de Quental. Na imagem, a borda de um exótico leque. Sua estrutura metálica lembrava lanças afiadas.

Era a mesma mulher que eu, naquele mesmo momento recriava, registrava, imortalizava na tela que Louison havia me encomendado.

Seria aquela encomenda a atroz sentença de morte daquelas pessoas, representada em cores fortes e em sombras de aspecto fúnebre?

Mais e mais, a mesa revestida de um manto vermelho a combinar com as gotículas de sangue no crucifixo que pendia do pescoço do sacerdote ganhavam o aspecto de uma cena macabra e impensável.

Todos estavam marcados e minha tela era o seu réquiem, uma última canção de homenagem encomendada pelo seu próprio executor.

Como um Fausto amaldiçoado e ignorante, eu continuo minha tarefa, pois esse é o único compromisso de um artista. Somos a voz que clama no deserto e na praça pública. Mas não gritamos aos nossos, e sim às gerações futuras.

O que elas dirão deste pacto maldito?

Os modelos diante de mim espelham em seus olhares minha própria surpresa. São seres irreais, formados de ilusórios pigmentos de cor, dispostos com os pelos dos pincéis, alguns finos, outros nem tanto.

Estão condenados à morte e eu, à finalização desta tela.

Depois de sua conclusão, que destino seu possuidor dará a ela?

Posicioná-la-á acima da lareira para nas noites frias ter um vislumbre dos seus crimes? Quem é o homem chamado Antoine Louison?

Como fui capaz de um dia admirá-lo? Ainda mais, de amar suas ideias, de quedar fascinado por sua postura e diante daquilo que julgava ser sua dignidade?

Em desespero, entre lágrimas de raiva e medo, continuo a tarefa, jogando contra o tecido esticado os tons sangrentos que quedam das chagas do Cristo.

Pela primeira vez, nutro simpatia pela figura crucificada.

Noitário de Trabalho do Pintor Basílio de Andrade Neto
Porto Alegre dos Amantes, 08 de Junho de 1910.

Nesta noite, fui à noticiada exposição de figuras fisiológicas de Louison. Depois de ignorar dois convites, recebi dele um delicado escrito dizendo que eu deveria comparecer num horário específico, no segundo coquetel ofertado à alta sociedade de Porto Alegre.

Tal reunião tinha por meta homenagear o médico e esteta, a figura cultural que todos, naqueles meses terríveis, acharam por bem agradecer.

O convite finalizava dizendo que seria de meu “completo interesse visitar a exposição” e com um vislumbre de ameaça vinda do digníssimo doutor, me alertava do fato de que “não aceitaria minha ausência”.

Diante da carta, lá me fui, vestindo meu único traje de gala, minimamente adequado à formalidade da ocasião.

Ao limpar minhas mãos e meu rosto das manchas de tinta, perguntei-me quando iria deixar meu corpo descansar. Dedicara minha vida à arte e não me reconhecia mais no espelho, carcomido e esgotado como estava.

Minha vida estava em meus quadros.

No corpo, pouco restara dela ou de qualquer paixão ou prazer.

E aquela última obra, que havia findado semanas atrás, parecia conter senão minha morte, o esgotamento de todas as minhas forças.

Nos últimos meses, mais um dos meus “retratados imaginários” havia desaparecido. Fonseca Amaral era o seu nome. Fora por

muito tempo um dos principais comerciantes da Rua da Praia. Certa vez, sob sua encomenda, pintei um retrato de sua família diante do casarão e o torreão que lhe identificava. O “Solar ao Entardecer” encontra-se hoje na Pinacoteca do estado e continua sendo uma de minhas obras mais singulares.

Com o desaparecimento de Amaral, restavam ainda duas figuras. E eu sabia exatamente de quem se tratavam, pois as descrições apenas poderiam referir ao cadavérico pontífice Arturo dos Santos e ao peculiar senador Torres.

O que eu deveria fazer? Salvar suas vidas e avisar a polícia do que eu suspeitava? Como deveria eu silenciar diante de tal monstruosidade?

“Você não fará nada, meu querido Basílio”, disse a voz delicada, saindo do meio da multidão espalhada pelo grande salão, admirando as obras de ilustração fisiológica, dispostas em grandes painéis avermelhados. “Afim, do que você poderia saber? Que provas têm de que tais suspeitas são verdade? Quem poderia acreditar num recluso artista, em detrimento de um respeitável e civilizado médico que nas horas vagas dedica-se a obras de caridade e à arte da gravura?”

Louison envelhecera na última década, apesar de continuar atraente. Como doutras vezes, sua postura comunicava amabilidade, apesar de sua roupagem externa ser pretensiosa. Vestia um fraque de gala, perfeito em seu caimento sobre o corpo esguio. Abaixo da camisa e da gravata plastrom, presa com um brilhante pouco discreto, um colete cujo tecido refinado contrastava com o todo. De um dos bolsos dele, uma corrente de prata que levava a um relógio exótico e antigo. Na mão direita, embelezada por dois anéis de rubi, uma bengala de cedro revestida de prata escura. Haveria uma lâmina escondida em seu interior?

Eu não sorri diante de sua ameaça e muito menos escondi meu desprezo diante do fato dele ter roubado minha reflexão.

Que sorte de demônio era aquele homem?

“Venha, Basílio, caminhe comigo, quero te mostrar minha obra, como tantas vezes tu mostraste-me a tua”.

Eu assenti ao seu convite, desprezando a taça de champanhe da qual apenas fingira beber, nauseado como estava.

Caminhados assim por corações, pulmões, rins, músculos, faces e torsos desvestidos de pele, partes humanas dispostas para contemplação e admiração. Pensei naquilo tudo como uma espantosa aula de fisiologia e meu anfitrião como um infernal anatomista.

“Gostas do meu estilo?”, perguntou-me. “Obviamente, sabes que apreciaria muito a tua opinião, pois és um grande artista, talvez o maior artista vivo que eu conheça.” Ele aguardou minha réplica olhando em meus olhos.

“Eu não tenho condições de julgar a sua... Arte, Antoine. Eu não tenho um conhecimento completo dos fatos e...”

“Mas tu não precisas de tal coisa, meu caro,” interrompeu-me ele. “Dê-me apenas sua sincera opinião estética. Há algum valor nessas ilustrações? Caso sim, qual seria ele, em sua visão de especialista?”

“Sim, acredito que sim. Teu traço seguro com o nanquim e tua utilização da aquarela em algumas das obras é sem dúvida eficaz. Ademais, o efeito produzido pelo conjunto de tal desvelamento humano é por demais expressivo.” Um sorriso começou a nascer no canto dos seus lábios. “Talvez, sua pertinência estética esteja em lançar luzes sobre aspectos da condição humana que sejam inacessíveis à nossa percepção. Tu és capaz de ver o que temos abaixo de nossa pele, Louison, e eu estou completamente horrorizado com o que fizeste e com a perversão de o expores naquela tela que me encomendaste.”

Ambos paramos diante de um par de pulmões. Executados com lápis finíssimo numa impressionante riqueza de detalhes, os brônquios foram representados com refinamento cirúrgico.

A face de Louison era um enigma.

O pequeno sorriso havia desaparecido.

“Meu modelo para esta ilustração foram os pulmões de Madame de Quental”, disse-me, como se explicasse um assunto qualquer, sem demonstrar a menor alteração em sua voz. “Ela tinha seios belos. Mas os pulmões, como podes ver por essas nódoas sombrias que fiz questão de não esconder, estavam podres, como todo o interior daquela mulher. Sim, eu vejo bem demais, meu amigo, e talvez essa seja a minha tragédia pessoal.”

Eu olhei para o seu rosto moreno, para a barba bem aparada

e, não suportando a frieza de sua postura, estive prestes a atacá-lo, logo eu que nunca atentara contra qualquer ser humano em toda a minha vida.

Ao invés disso, lhe perguntei:

“E a minha tragédia pessoal, qual seria? Ser o retratista do demônio?”

Ao redor, o testemunho dos crimes de Louison na forma de admirados estudos anatômicos. Novamente, sentia bile queimando minha língua.

Ele acendeu uma fina cigarrilha e ignorando a movimentação do salão tragou-a. Só então começou a falar, sem desviar de mim sua fria atenção.

“Meu caro Basílio, eu sei que estás em vias de terminar a tela que encomendei há quase um ano. Visitei teu estúdio noites atrás, quando saíste de casa em direção à taverna. Sentei-me diante dela e fiquei lá por quase uma hora, olhando para a tua e a minha obra, me perdendo em tua composição, na contemplação do que fizeste com tecido, pincéis e tintas. Tua pintura deu-me forças, me relembrou de meu intento e da importância do que eu estou fazendo.”

“Tu estás louco!”, disse a ele, chamando a atenção de um casal que passava. O resto do festejo continuava impassível à nossa discussão.

“Mantenha tua compostura, Basílio, por favor. Não tens conhecimento total do que ocorreu, do que está ocorrendo e do que ocorrerá em breve. Está quase terminado e eu te agradeço por teres captado em cores, linhas e sombras a verdadeira dimensão da camarilha. Um dia, talvez, saberás de toda a verdade.”

Ele tragou mais uma vez o seu fumo e por um momento vislumbrei em seu olhar um leve traço de tristeza.

Estaria ele também sofrendo com aquela insânia?

“Enviarei a tela à tua casa assim que a concluir”, disse-lhe rapidamente.

“Devo insistir para que não faças isso, Basílio. Não tenho ciência de qual será a minha sorte nos meses à frente e temo pelo destino da tela, assim como de todos os meus bens. Seja, por favor, o guardião temporário dela. Este é o penúltimo pedido que te faço e peço que o atendas, em lembrança aos velhos tempos.”

“E qual será o último?”, perguntei-lhe, irritado.

“Uma segunda pintura, de temática diferente, apesar de estar relacionada à primeira. Nela tu desvelarás o segredo das minhas ações, além de prestar uma última homenagem a um grupo de amigos que me são muito caros. Sim, até o demônio, como qualquer criatura abaixo dos céus, tem amigos. A primeira tela retratou seis vilões e seus planos. A segunda, mostrará cinco companheiros, amigos fiéis”, disse, agora fitando um movimento em meio à multidão.

Dela, vinha pelo salão Beatriz de Almeida e Souza, num insinuante e decotado vestido de festa que chamava tanta a atenção quanto as obras ali expostas. O vestido de tafetá era claro, com rendas florais que dialogavam com as formas do seu corpo, contrastando com a pele negra.

Abraçou Louison e sorriu para mim, apresentando-se. Eu, nervoso e desconcertado, extasiado por sua presença, lhe ofereci minha mão. Lembrei-me dela, vinte anos antes, quando nós três éramos tão diferentes.

Beatriz disfarçada de homem. Louison encantado por ele. E eu fascinado por ambos.

O casal se despediu, uma vez que outros convidados chegavam e “não seria elegante não lhes dar ao menos um pouco de atenção”, disse-me Louison.

Eu fiquei parado no salão, fitando as duas figuras se afastarem e se mesclarem à cena, movimentada em seu crescente alarido.

Em grandes painéis rubros, pendurados no teto do salão, pendiam figuras anatômicas, lembranças fisiológicas desvestidas de pele.

Pessoas de várias classes e idades observavam as ilustrações. Elas sorriam, conversavam, elogiavam.

Louison recebia os cumprimentos com disfarçada sobriedade.

Sem dúvida, tinha orgulho de sua obra.



Noitário do pintor Basílio de Andrade Neto
Porto Alegre dos Amantes, 20 de fevereiro de 1911.

A tela maldita foi finalmente finalizada.

Nela, inscrevi sobre o tecido com tintas avermelhadas a face das vítimas de um homem que um dia chamei de amigo. Doravante, diante do espelho e em vis pesadelos à noite ou ao dia, levarei o registro da minha culpabilidade. Eu suspeitei da verdade e nada fiz para revelá-la.

Agora, diante da tela finalizada, que ele decidiu nomear de “A Camarilha da Dor”, entorno a garrafa de vinho, sentindo sob minha língua o gosto da culpa.

Como cinco dos seis modelos já ganharam as manchetes dos jornais, pude ajustar minha inspiração anterior às suas características físicas. Recorrendo a um realismo vil, pergunto-me se tal obra um dia será exposta aos olhos do público, ou se Louison a guardará no interior do seu mausoléu, onde certamente os executou.

Quantas vezes nos dias anteriores desejei fugir das telas inacabadas, das paletas manchadas, dos pinceis envelhecidos e desgastados, para procurar as autoridades, na esperança de revelar as ações assassinas de Antoine Louison.

Quem um dia poderia conceber que tal homem, que apresenta-se ao mundo como civilizado e educado, um esteta e um humanitário, seria capaz de tais crimes? As autoridades estão à procura dele. Os jornais exploram a fama do assassino como bem aprazem aos seus únicos objetivos: vender papel velho.

Imaginariam em Porto Alegre dos Amantes que o monstro nomeado publicamente de “Assassino da Nata” pelos jornais seria

um de seus ilustres filhos?

Esvazio a garrafa e visto qualquer roupa. Preciso contar às autoridades o que sei. Mas ao abrir a porta, vejo no espelho do corredor um homem envelhecido, cujo rosto manchado de tinta e cujo hálito de vinho em nada inspiram confiança. “Quem acreditaria em ti?” A pergunta de Louison retumba em minha mente.

Eu fecho a porta para a rua. Eu fecho a porta para a luz.

Diante de mim, as vítimas de Louison me encaram.

Ao redor de uma mesa rubra, diante do livro do crucificado, elas me olham com rostos surpresos.

Quem seria mais detestável? Seu algoz ou este vil artista que os recriou em linhas e cores?

Ao me aproximar deles, vislumbrei mais uma vez o horror em seu olhar.

Como eles, eu desconhecia minha sorte.

Como eles, aterroriza-me a monstruosidade do temível Dr. Louison.

Fim da Parte I

SOBRE PROCESSOS CRIATIVOS & DESVIOS POSITIVOS

A criação de uma história é sempre cercada de felizes coincidências, encontros inusitados e estranhas surpresas, elementos quase sempre permeados da megalomania do autor. Penso que a narrativa da composição da noveleta, cuja primeira parte tu acabas de ler, exemplificará isso.

Em meados de julho de 2014, enquanto discutíamos o lançamento do primeiro volume da série com os editores da Casa da Palavra, eu e Affonso Solano defendíamos que ele deveria se intitular “Heróis, Monstros & Máquinas” ou então simplesmente “Brasília Steampunk”. Para a nossa surpresa, fomos vencidos pelos integrantes da equipe editorial que acharam o título longo e irônico “A lição de anatomia do temível Dr. Louison” mais adequado ao projeto.

Eu ri em silêncio da coincidência, pois aquele era o título que eu dera ao projeto ainda em 2010, quando havia transformado um pequeno conto numa novela que tinha apenas Louison e Cândido como personagens.

Nada de elementos steampunk.

Nada de narradores surrupiados da literatura brasileira.

Meu consolo na época foi que, e disse isso aos parceiros da Fantasy, selo de literatura fantástica da Casa da Palavra sob o qual o romance seria publicado, que poderíamos, seguindo com aquele título, produzir uma arte que brincasse com o quadro clássico de Rembrandt, “A lição de anatomia do dr. Tulp.”

Obviamente, havia algo de exagerado nas minhas idéias de outrora. Afinal, seria alguém capaz de transmutar Rembrandt numa coletânea de heróis de ficção científica? Nunca.

Semanas depois, percebi que estava errado.

Num encontro de lazer & trabalho – nesta ordem – com An-

dre Cordenonsi e Nikelen Witter na Athena Livraria de Santa Maria, Andre me mostrou quatro cartazes de personagens que ilustrariam seu novo romance retrofuturista: “Le Chevalier e a Exposição Universal”, publicado pela Avec Editora.

As pinturas eram divinas e eu não escondi meu entusiasmo. Andre disse-me que o autor era Diego Cunha, um artista que lhe fora indicado pelo seu editor, o sempre cordial e igualmente enérgico Artur Vecchi.

Pedi o contato de Diego e tão logo cheguei em casa escrevi-lhe apresentando a proposta: uma pintura baseada na “Lição de Anatomia” de Rembrandt que tinha por composição os heróis da minha “Lição de Anatomia.”

Diego, desde o início, mostrou-se econômico nas palavras, o que é um horror para todo o escritor. Por outro lado, em suas pinturas, evidenciava uma complexidade e uma sobriedade admiráveis.

Ele não apenas gostou da idéia como aceitou-a de pronto, exigindo apenas que estabelecêssemos um prazo, o que achei um excelente sinal e – quase sempre – um indício de profissionalismo.

Dias depois, meu exagero evidenciou mais sinais de preocupação. A partir de uma crítica que Vecchi sobre o pouco espaço dado aos vilões, pensei: e se tivéssemos não uma e sim duas pinturas inspiradas em Rembrandt. E se a outra arte mostrasse os vilanescos integrantes da Camarilha da Dor?

Abri dois volumes dedicados à obra do mesmo pintor holandês e lá estava a pintura ideal: “A Guilda de Comerciantes.” Na sequência do interminável e-mail dedicado à “Lição de Anatomia”, Diego recebeu outro “gigantesco manuscrito” explicando como deveria ser a segunda pintura: “A Camarilha da Dor”.

E assim, em menos de dois meses, eu tinha duas pinturas de Diego Cunha, pinturas que foram fundamentais à divulgação do romance. Mesmo assim, ainda não estava satisfeito. Lembram do que mencionei sobre megalomania, não?

A conversa com Diego ficou em minha cabeça, fazendo com que eu pensasse que talvez as duas pinturas poderiam existir no próprio universo de Brasiliana Steampunk. E caso isso acontecesse, por que não torná-las parte do mistério como também exemplares dos conflitos de Louison?

Para tanto, eu precisava de um pintor. Voltando ao primeiro volume de *Brasiliana Steampunk*, eu havia “jogado” um nome na conclusão do romance, quando Isaías Caminha visita pela última vez o Palacete dos Prazeres: “Basílio de Andrade Neto”, artista que retrataria Rita Baiana.

Enquanto referência, Basílio é uma homenagem a Basil Hallward, o artista de *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Ora, se eu iria seguir por aí, por que não transformar o conto em duas narrativas? Por que não brincar com cartas que documentariam as encomendas de Louison a um homem que havia sido seu amigo?

Mergulhado que estava na época numa disciplina que ministrei na UFSM sobre poesia e pintura, decidi que se a pequena narrativa em duas partes seria inspirada por duas pinturas, poderia também ter por pano de fundo as desafiadoras discussões sobre “texto e imagem”, “artes irmãs” e “ut pictura poesis”.

Por fim, outras duas referências que acabaram sendo, como sempre, fontes de inspiração ao meu processo criativo. “Lição de Anatomia” é o título da segunda história escrita por Alan Moore em *O Monstro do Pântano*, numa alusão à própria tela de Rembrandt. Ademais, a mesma tela foi capa de um dos meus romances prediletos de Anne Rice, “A Hora das Bruxas”. Quanto à tela “A Guilda dos Comerciantes”, ela é detalhada por Rice em outro romance, *A história do ladrão de corpos*, quando Lestat e David conversam sobre pactos faústicos.

Meses depois, entre final de 2014 e início de 2015, os contos foram finalizados. Diego Cunha fez duas capas maravilhosas para eles, uma com Basílio e outra com Beatriz. Jéssica Lang, como sempre, diagramou-os belamente, a partir do design original de Rico Baccellar. Os amigos escritores Ana Cristina Rodrigues e Andre Cordeonsi escreveram apresentações mais do que gentis. E Renan Santos fez uma leitura crítica formidável, num trabalho de editoração que faria sorrir qualquer escritor. Iniciante ou não.

O resultado disso vocês conferem agora, num hiato de duas semanas.

Sim, há também muito de megalomaniaco nas minhas idéias de agora.

Fazer o quê? Somos o que somos, não? Para o bem ou para

o mal. E acho que Basílio entenderá isso no decorrer da história.
Espero que vocês gostem dela.

Este conto é metade de um sonho realizado.

A outra metade, vocês conhecerão em breve.

Boa noite & bons sonhos, meus queridos.

Enéias Tavares

Santa Maria da Bocarra do Monte, 24 de junho de 2015.

BIOGRAFIA DOS AUTORES

ENÉIAS TAVARES



Enéias Tavares não existe. Ao menos não em nosso plano terrestre. Como parcialmente revelado por Ana Cristina Rodrigues – ela não sabe da missa a metade! – trata-se de uma ilusão espaço/temporal produzida pelos delírios coletivos de um grupo de leitores afeitos à literatura retrofuturista, cultura nerd & romances decadentistas disfarçados de história de suspense. Para outros, trata-se de um pesquisador acadêmico que tem sido visto ensinando Literatura Clássica na Universidade Federal de Santa Maria. Publicou *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (Casa da Palavra/LeYa, 2014) e atualmente trabalha no segundo volume da série, cujo título provisoriamente é *O Parthenon Místico*. Como ele faz isso, ainda não se sabe. Apenas se cogita. Às vezes, o véu da realidade cede e vemos o que há do outro lado. Às vezes, algo atravessa o portal. No que concerne a ele, você não está enganado apenas num aspecto: Adamastor, seu cão de guarda disfarçado de bengala, realmente existe. O mesmo podemos dizer dos seus escorpiões robóticos.

ANA CRISTINA RODRIGUES



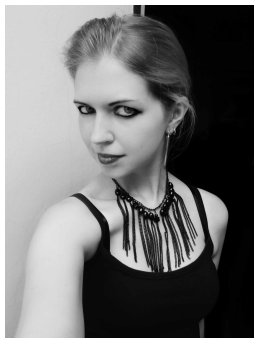
Ana Cristina Rodrigues nasceu em Finisterra, mas migrou para Niterói ainda pequena. Queria ser cronista de corte, mas como nasceu alguns séculos atrasada, não conseguiu emprego em corte nenhuma. Mesmo assim, é escritora, tradutora, editora e historiadora. Trabalha com Fantasia e História, já publicou vários contos em antologias no Brasil e no mundo e prestou serviços para alguns dos maiores grupos editoriais do país. Atualmente, tenta escrever sobre um deserto sem nome enquanto cria um filho, alguns gatos e apoia o marido quadrinista.

DIEGO CUNHA



Alguns acreditam que tenha nascido na cidade de Bauru. Já outros, que tenha nascido onde vive atualmente, no reino das laranjas, na pequena vila de Limeira. Não se sabe ao certo. Sua lenda ainda é pouco conhecida e está em construção. Contam outras histórias, que ele já fez trabalhos para reinos do exterior ilustrando card games. Ademais, dizem que criou várias ilustrações para livros. Atualmente, continua a executar diversas missões as quais lhe são confiadas por nobres e reis, além de servir ao povo, na pequena prefeitura de seu vilarejo.

JÉSSICA LANG

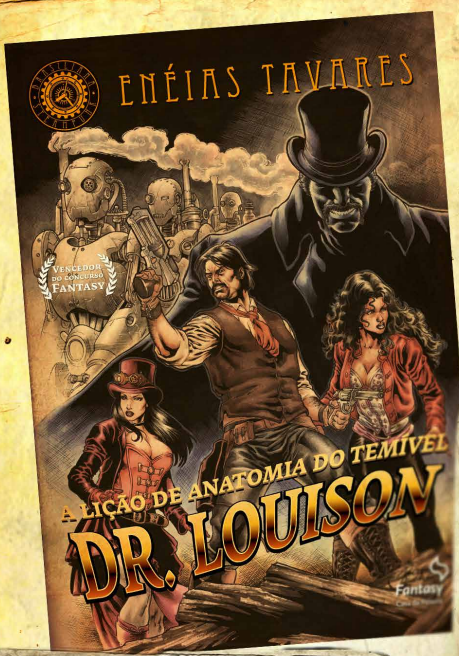


Jéssica Lang é designer, ilustradora e fotógrafa. Trabalha com o escritor Enéias Tavares em diversos projetos envolvendo Brasileira Steampunk. Também desenvolveu a capa e as ilustrações do romance Santuário, de Andrio Santos, além de trabalhar com o autor em outras histórias. Atualmente, dedica-se a composição de livros ilustrados e acabou de por as mãos na sua primeira TARDIS.

RICO BACELLAR



Rico Bacellar é designer gráfico, de produto e de exposições, formado pela ESDI/UERJ, com passagem pela FH Potsdam/Alemanha. No mundo bidimensional, desenvolve as capas brasileiras para autores como George R. R. Martin, Robin Hobb e Brandon Sanderson. No tridimensional, criou um jogo com laser, uma câmera estereoscópica e um golf caddy motorizado. O último lhe rendeu alguns prêmios, como o iF Product Design Awards e o Design Preis. Na área de exposições, trabalha com divulgação científica, projetando brinquedos e aparatos interativos. Trabalhou no projeto de sinalização da Copa do Mundo FIFA 2014 e, atualmente, desenvolve produtos para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Nas horas vagas (que horas vagas?), gosta de criar máquinas e traquitanas feitas de Lego para relaxar. É dele o projeto gráfico da série Brasileira Steampunk. Enquanto trabalhava nele, não conversou com Enéias Tavares, mas misteriosamente, parecia que os dois estavam “sintonizados na mesma estação”.



Disponível
nos melhores
Bazares
de Livros,
Remédios
& Víveres!



No inverno de 1911, Isaiás Caminha chega a Porto Alegre para cobrir a fuga do terrível "Estripador da Perdição", então sob a guarda do alienista Simão Bacamarte.

Integram tal mistério o Palacete dos Prazeres administrado por Rita Baiana e o Parthenon Místico, sociedade secreta que reúne o cientista louco Benignus, a médium indígena Vitória Acauã, o imortal Solfieri e os aventureiros Sergio e Bento